

Memória do Programa de Formação Continuada em Educação Popular



Foto do arquivo DIVCO-UFU

FOTO 3: Oficina do Programa de Formação Continuada em Educação Popular. Uberlândia, 2001.

Tendo em vista a necessidade de registramos o que ocorreu no desenvolvimento do Programa de Educação Popular, produzimos um relato sucinto das atividades realizadas. Ressaltamos, que as sínteses dos pronunciamentos feitos pelos palestrantes foram elaboradas pela coordenação do Programa de Educação Popular.

I ENCONTRO DE EDUCADORES(AS) POPULARES

ATIVIDADES

- Local: Campus Santa Mônica, Anfiteatro do Bloco 1B.
- Data: 24 de agosto de 2001.
- Horário: 19h.
- Tema: Educação Popular: Poesis e Autonomia.

PARTE I

- Abertura: Atividades Culturais.
- Cerimonial: Jorgetânia da Silva Ferreira.
- Composição da Mesa: Prof. Gabriel Humberto Munõz Palafox (Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis); Profª Gercina Santana Novais (Diretoria de Extensão); Prof. Gilmar Machado (Deputado Federal); Prof. Tiago Adão Lara (UFJF); Prof. Osmar Ribeiro de Araújo (CEMEPE), Prof. Alex Carvalho (Futuro Pré-Vestibular Alternativo); Prof. Edimilson Lino Guilherme (Associação Educacional Paulo Freire); Prof. Francisco Aurilo (Movimento de Educação Popular).

Após a apresentação dos membros da mesa, o Prof. Alex Carvalho fez uso da palavra. Deixou claro que o verdadeiro objetivo dos três “cursinhos” pré-vestibulares é – antes de tudo – despertar em seus alunos o desenvolvimento de uma consciência crítica e questionadora. Comentou, também, sobre o crescimento em número e organização dos movimentos de educação popular em Uberlândia e em todo o país.

Em seguida, Gilmar Machado falou da importância do movimento de educação popular e da função do poder público, em especial, da responsabilidade que os Membros do Congresso devem ter para com a educação popular.

O Prof. Gabriel Palafox, primeiramente, justificou as ausências do Reitor e do Vice-Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, por estarem em reunião do Conselho Universitário. Em seguida, leu para o plenário uma moção de apoio à greve dos servidores públicos federais, elaborada na reunião do referido Conselho. Terminada a leitura, o professor Gabriel fez a abertura oficial do Programa de Formação Continuada em Educação Popular e finalizou, alertando os presentes sobre o momento crítico que a educação está passando e a importância dos movimentos sociais na luta pela qualidade na educação.

PARTE II

- Palestra: Educação Popular: Poesis e Autonomia, proferida por Tiago Adão Lara, professor titular aposentado da UFU e professor visitante no programa de Mestrado em Educação da UFJF. Publicou, entre outros livros, *A escola que não tive... o professor que não fui...*

SÍNTESE:

A Profª Olenir Maria Mendes (FACED/UFU) fez a apresentação do palestrante, Tiago Adão Lara, que iniciou afirmando que o processo de educação é um processo continuado e, antes de

um projeto, um fato. É uma questão de sobrevivência de cada grupo de indivíduos, pois as tradições e costumes garantem a manutenção das comunidades. Segundo Tiago, tudo isso é passado à frente pelo processo educativo. Ele fez questão de conceituar a Educação Popular como toda forma de se educar que “anda na contramão” do sistema vigente. Outro aspecto abordado pelo palestrante foi sobre a função do educador nesse processo de educação e a importância de se ter o educador popular no seio da população. Ao final, o prof. Antônio Neto fez a leitura de um dos poemas do livro “Versões”, de Tiago Adão Lara, e anunciou seu lançamento, após o término da palestra.

- Lançamento do livro “Versões”, de Tiago Adão Lara.

Após o término da palestra, foi dada a palavra ao público, que fez diversos questionamentos ao palestrante, entre eles os referentes ao conceito de Educação Popular.

II ENCONTRO DE EDUCADORES(AS) POPULARES

- Local: CEMEPE
- Data: 25 de agosto de 2001
- Horário: 9h
- Tema: Encontro de Educadores(as) Populares: Relato e discussão de experiências em Educação Popular.

PARTE I

- Abertura: Exposição de trabalhos dos movimentos de Educação Popular.
- Relato e discussão de experiências em Educação Popular (comunicações).
- Homenagem ao Professor Thiago Adão Lara: “Poesia e Canto”.
- Apresentação dos Corais da UFU e do Hospital Santa Genoveva, regidos por Douglas Amorim e acompanhados por Lucas Novais.

O maestro Douglas Amorim musicou excertos dos poemas *Maria Nua, Noite e Lamento Humanista*, do livro *Poesia e Canto*:

MINAS SÉRIA SORRINDO

Ar frio
campos secos
roxo-lilás-amarelo
dos pés
de ipês.
Não te vesti de sol
não pus as lua a teus pés
não te coroei de doze estrelas
preferi a lucidez
de tua nudez.
Te preferi simplesmente Maria
entre judias

Como tantas Marias e não Marias
da minha pátria sofrida.
As estrelas
traquinas
passaram a piscar
tranqüilas.
E a noite
se fez
poesia.
Dizem que eu não estou
nem sequer sou
aconteço.
Dizem que eu não quero
não insisto
nem resisto
risco.
Dizem que eu não faço
não ajo
falho.
Eu falho, risco, aconteço.
Não.
Risca-se, falha-se, acontece.
Que risco!

- Almoço de confraternização no CEMEPE

PARTE II

- Trabalhos de grupo, sob a coordenação do Prof. Thiago Adão Lara.
- Questões propostas para os grupos:
 1. O que é Educação Popular?
 2. Quais são as dificuldades para desenvolver a Educação Popular?

RESPOSTAS DOS GRUPOS PARA AS QUESTÕES PROPOSTAS PELO PALESTRANTE

GRUPO 1

1) A verdadeira educação popular é, principalmente, saber ouvir, como foi dito hoje. É ensinando que se aprende, e aprendendo é que se ensina. Você ensinar é aprender, buscar a consciência crítica de cada um no mundo em que vive. É aprender a conviver com os conflitos e superá-los, claro que iniciando pela consciência humana, com a qual temos que aprender a amar uns aos outros, fazendo crescer, assim, a auto-estima de cada um de nós. E quando falamos de escola itinerante, não é propriamente dita a escola, nós é que somos itinerantes, levando a cultura aonde quer que estejamos, assim o amor e a consciência crítica nos faz crescer dia após dia.

2) Um grande problema é a mídia que destrói a educação, ela vende o que quer e coloca seu enfoque de forma muito elitista, "dando asas" ao mercado vigente.

GRUPO 2

1) O grupo, ao debater educação popular, buscou aprofundar-se sobre o que verdadeiramente a caracterizaria, ficando assim a síntese do que foi discutido: espaços onde se pode compartilhar idéias, reflexões, atividades culturais, onde as pessoas se incluam e permitam a inclusão do outro, para que juntos se conscientizem de sua realidade e, assim, possam lutar para transformá-la.

2) Formação docente; teorias pedagógicas comprometidas com a ideologia dominante; falta de identidade do profissional com alunos das classes populares; falta de identidade com o outro que é também oprimido.

GRUPO 3

1) A história da educação, no Brasil, é a história da educação para a dominação - a catequese dos índios, o processo de acultramento, assujeitamento do educando. A educação popular seria um modelo de educação que buscasse o inverso disso, isto é, devolver ao educando a qualidade de sujeito de sua própria história. Tem como característica ser um processo de mão dupla, em que tanto educando, quanto educador aprendem e ensinam pela valorização da produção cultural do educando e da relação deste com o educador.

2) A maior dificuldade, o maior desafio é mudar o modelo, no qual o professor sabe e o aluno aprende. Educação popular é a ação de quem aprende e deve ser valorizada enquanto tal.

GRUPO 4

1) Fazer e refazer do homem a partir das necessidades e realidades desse homem, valorizando os que mais precisam da solidariedade.

2) O grupo identificou a existência de 3 tipos de cultura: a erudita, de consumo e a popular. A de consumo, desmonta a história do povo. Como problema, têm-se: a cultura oficial (de consumo) impregnada nas pessoas; a dificuldade em assimilar uma nova realidade ou a realidade histórica; falta de conhecimento da nossa cultura histórica "conhecer a si mesmo"; conhecer a realidade em que está inserido; falta de incentivo estatal para educação.

GRUPO 5

1) A educação popular, como expressão das classes populares, constitui-se na diversidade, na especificidade, na diferença e na informalidade e, por isso, é popular. Abre espaço para a formação mais crítica, pois incorpora um saber popular na formação do indivíduo.

2) Dificuldade em lidar com essas experiências na sua diversidade, tendo como pressuposto a valorização do saber. Falta de políticas no sentido de garantir parcerias com os movimentos de educação popular, sem que os mesmos percam a sua autonomia.

- Café cultural com as seguintes apresentações:
- 1. Grupo de dança - OFICINA CULTURAL, coordenado por Flávia Fonseca Campos.
- 2. Bandinha Rítmica, regida pela Profª Elcione Lima (Projeto desenvolvido na Escola Municipal Grladsen Guerra de Resende – Jardim Canãa – Uberlândia/MG).
- Encerramento dos Trabalhos.

O Professor Tiago suas considerações finais e o convite para o próximo encontro do “Programa de Formação Continuada em Educação Popular”, dia 15 de setembro, a partir das 9h, no Anfiteatro do Bloco 2A, no Campus Umuarama da UFU.

Finalmente, foi feita a avaliação do encontro, juntamente com os(as) participantes que consideraram o encontro ótimo e indicaram a necessidade de diminuir a quantidade de atividades em cada encontro para favorecer a exposição e o aprofundamento das temáticas.

III ENCONTRO DE EDUCADORES(AS) POPULARES

- Local: Anfiteatro do Bloco A - Campus Umuarama
- Data: 15 de setembro de 2001
- Horário: 9h às 12h
- Tema: Educação Popular, Cidadania e Inclusão: Leituras da Realidade Atual

PARTE I

LEITURAS DA REALIDADE ATUAL

1º Palestrante: Maria de Jesus dos Santos, integrante do coletivo de Educação Nacional do MST

SÍNTESE: É importante trazer a tona o que está acontecendo no nosso país. Percebemos a ação do governo em três linhas:

- Acumulação de capital – através da dívida interna, dívida externa e tratados com os organismos mundiais (FMI, BIRD, BM).
- Mudança da natureza do estado – o estado promove o “estado mínimo”; por que não tem uma reforma agrária? Se você quer ter saúde, então compra; se você quer educação, então compra.
- Desmantelamento das organizações sociais e políticas. É importante compreender como a classe dominante desmantela as lutas sociais:
 - a) Isolamento – no sentido de quebra da honra, como fazem com a CUT, por exemplo,
 - b) Domesticação,
 - c) Repressão – das organizações que tentam resistir.

Nos últimos seis anos, a reforma agrária foi tratada como conflito social, desapropriavam-se e as terras faziam-se os assentamentos. Hoje, tratam-na como conflito militar, acompanhados pela CIA, pelos Estados Unidos.

Esclarecendo: reforma agrária é uma política que visa modificar toda a estrutura fundiária,

acompanhada de crédito, transporte, subsídios para desenvolvimento da agricultura, ou seja, acompanhado de condições de sobreviver com dignidade.

Dado histórico: no Brasil, nenhum movimento agrário durou mais de 12 anos – as ligas camponesas duraram 12 anos e o MST tem 18 anos.

O Governo nos ataca em vários campos:

- Econômico – não liberam verbas.
- Político – não negociam, quando fazem é para dar “IBOPE”.
- Diplomático – o Raul Jugman foi em todas as ONG’s européias pedir para não nos apoiarem.
- Militar – há o DOPS rural.
- Judicial – em todos os estados, temos pessoas processadas.
- Universitário – José de Campos Martins lançou um livro chamado “Reforma Agrária”. Estão tentando cooptar os professores e os alunos para fazerem monografias contra o MST.
- Publicitário – fazem propagandas enganosas, dizendo que a porteira está aberta. Campanha ideológica para ferir a honra do MST. Há uma orientação do planalto para não falarem bem sobre o MST.

Este processo é colocado como se fosse legítimo. Acompanhamos, nos últimos anos, vários atentados dos EUA. Atacaram a Guatemala, em El Salvador, na década de 80, ocasionando a morte de 30 mil pessoas; na Colômbia, tentam massacrar uma luta armada que existe a 40 anos, sendo que são os EUA a maior potência narcotraficante.

A Educação só será Popular se estiver a serviço da classe dos trabalhadores. Educação não é sinônimo de escola, educação é tomar forma humana, na sua dimensão política, social, trabalhista. Por isso, nós lutamos por escolas públicas no campo, que sejam a identidade do nosso povo. Como o MST está em 23 estados, nós construímos, coletivamente, objetivos, princípios e uma prática de valores. Como princípios temos:

- relação prática *versus* teoria;
- a realidade e seu movimento como base para a produção do conhecimento, não como a única referência, mas como ponto de partida;
- a educação para o trabalho, com ênfase na cooperação, não como um elemento de exploração;
- gestão democrática, participação da comunidade;
- cultivo da memória coletiva, pois a memória nos incentiva a continuarmos;
- criação do coletivo pedagógico;
- processo de avaliação permanente.

O MST não tem uma pedagogia elaborada, mas em elaboração, em movimento. Na educação, temos a ciranda infantil, pois, no movimento, temos muitas mulheres militantes com filhos. Temos um trabalho de educação fundamental e convênios com universidades no Espírito Santo, Mato Grosso e Paraná.

2º Palestrante: Antônio Almeida, professor do Instituto de História e Vice-Reitor da Univer-

sidade Federal de Uberlândia.

SÍNTESE: O neoliberalismo e a globalização, embora sejam apresentados como algo moderno, são processos de desenvolvimento do capitalismo. Assim, é preciso uma justificativa teórica, ou seja, pseudoteórica. A sustentabilidade enquanto sistema, assegura as bases fundamentais. Se é um novo liberalismo, é realmente inovador?

O liberalismo clássico nasceu em bases realmente comerciais, a justificativa era liberdade plena, liberdade financeira, convivência entre os povos. Ele orienta a fase inicial do capitalismo, por meio da exportação de matéria manufaturada e importação de matéria-prima.

A partir de meados do século XIX, cedeu lugar aos capitais monopolistas. Os trustes e os cartéis firmaram-se aniquilando o pequeno concorrente.

O liberalismo renovado não liberou as bases concorrentes, continua monopolizado, carterizado.

Algumas crises, como a de 1929, as promessas de paraíso na terra, difundidas e não - confirmadas pelo capitalismo e para agravar as crises do petróleo nos anos 70 e 80 - fizeram teóricos repensarem o capitalismo. No campo social, o capitalismo viu a possibilidade de perder a hegemonia. O Estado de Bem Estar Social foi construído para mostrar que o capitalismo era possível. Isto não migrou para todos os países, mas fez frente à proposta de vida oferecida pelo socialismo.

Se o Capitalismo fosse realmente novo, a economia carterizada deveria desaparecer, o capital utilizar-se-ia da globalização como um instrumento a mais para sua realização.

Veja o perfil do capital globalizado: a) funcionamento do Estado: redução; privatizações; não fornece serviços básicos; imposição dos países industrializados centrais para que sejam praticados nos países periféricos para endividamento; b) não intervenção do Estado na economia, os mercados se auto-regulam. O estado não intervém, não permite priorizar a produção das necessidades reais.

Como podemos descentralizar sem a intervenção do Estado? Como podemos oferecer transporte, energia, sem a intervenção do Estado? Como podemos oferecer suporte tecnológico sem a intervenção do Estado? Como podemos ter desenvolvimento tecnológico, pensando na política futura do país, sem a intervenção do Estado.

À medida que os países do 3º mundo sejam dependentes tecnológicos, e não tivermos investimento, seremos importadores, e a própria implementação da tecnologia promoverá o desemprego.

Flexibilização das relações de mercado, diferentes do fordismo, padrão homogêneo. Hoje, há um mercado de nichos.

Características típicas de uma empresa globalizada:

- não investe em infra-estrutura;
- não sana conseqüências sociais;

- investe em marketing (futebol, basquete);
- terceriza ao máximo;
- se houver qualquer inconveniente ela migra;
- quebra das barreiras alfandegárias (caminho de mão única);
- na economia, transferência de capital do setor produtivo para o mercado especulativo, investe muito e não produz.

Quais as diferenças no processo de modernização anterior em relação a hoje:

- a) a própria mão-de-obra substituída era remanejada dentro da própria empresa;
- b) crescia o setor de serviços, quem perdia os empregos nas indústrias era admitido no setor de serviços.

Hoje, nunca se viu tanta gente sobrevivendo de bicos, sem contar as desregulações das conquistas trabalhistas, as terceirizações, os subempregos. Agora, o Estado de Direito mais do que nunca virou retórica, pois ele não é democrático, nem oferece direitos, a não ser a alguns poucos.

As propostas estão fundamentadas dentro de uma perspectiva maior do que a relação aluno/professor, estão em uma perspectiva global, só que faz com que não recusemos as teses colocadas, nós a internalizarmos e a reproduzimos. Os valores são competitividade, individualismo, salve-se quem puder. Como conseqüências temos:

- internet e TV a cabo são falácias, pois nada disso evita o aumento da independência dos países pobres em relação aos países ricos;
- os países ricos não implementaram o Bem Estar Social nos países pobres, mas impõem nossa política;
- medidas para proteger o capital internacional;
- as barreiras alfandegárias são punitivas em relação aos países de 3º mundo;
- barreira indireta: barreira sanitária (todo produto do 3º mundo é condenado);
- proteção contra o barateamento dos produtos advindos dos países do 1º mundo, através de subsídio interno que permite, a qualquer produtor, oferecer de maneira vantajosa seus produtos num país que não tem subsídio.

Estamos na retaguarda, tentando preservar postos de trabalhos e os criar, não estamos na ofensiva. Veja o exemplo dos sindicatos do 1º mundo, viraram sindicatos das empresas: ao invés de agirem segundo uma perspectiva dos trabalhadores, agem segundo os interesses das empresas, "vestem a camisa".

O controle da inflação, segundo alguns teóricos, é a saída da crise. Temos que pensar que controle não existe só num estado capitalista e, mesmo que fosse, controle da inflação a que preço, pagar com miserabilidade não queremos.

Precisamos alimentar a utopia transformadora, realizadora, estamos carentes de projetos que nos aglutine, principalmente depois da derrocada do socialismo real.

Por mais que os setores dominantes sejam inteligentes, há algo que eles não conseguem apagar, a contradição do sistema, a miséria, a criminalidade.

Se os movimentos sociais sofrem baixa, temos greve na França e, no Brasil, o setor público em greve como estamos vivenciando hoje.

Quais as saídas para os trabalhadores: luta de classe; as saídas que arrefeçam a luta, não são as melhores; a educação é o grande campo de luta.

PARTE II

EDUCAÇÃO POPULAR, CIDADANIA E INCLUSÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUDENTES

3º Palestrante: Gilmar Alves Machado, Deputado Federal pelo PT/MG e membro da Comissão de Ciência e Tecnologia.

SÍNTESE:

- Declara a alegria em participar de um debate a respeito de educação que visa à inclusão.
- Sendo do legislativo, esta luta é mais difícil; pois os deputados elaboram propostas que devem ser aprovadas pelos demais colegas e pelo executivo e, depois de aprovadas, executadas.
- Uma de suas preocupações é com a quantidade de políticas públicas que possuem este caráter.
- Ressalta a dificuldade de recursos existentes no Brasil. Declara (ironicamente) que está tentando entender o orçamento da união: "sou professor de história mas estou tentando entender números". Conclui que, na verdade, há recursos, mas estes são desviados de diversas formas. É preciso entender, gastar o orçamento da União e fiscalizar melhor a aprovação dos recursos.
- Cita o exemplo de lei aprovada no congresso que obrigou as empresas telefônicas a bancarem a compra de um computador e uma linha telefônica para cada escola, tal lei onerou as empresas em 1% de seu lucro, quantia que não afeta de forma alguma a viabilidade econômica da empresa, no entanto, houve escolas que não puderam ser beneficiadas, pois não tinham condições de construir espaço físico adequado. *Estamos aprovando lei com recurso, mas onde vamos botar os computadores, vejam o desperdício que estamos fazendo, é uma política que inclui e que exclui, pois só vai receber quem tiver espaço.*
- Quando se discute políticas de inclusão, tem que se pensar em novas formas de inclusão.
- Ressalta a necessidade de se construir uma esquerda que defenda formas diversas de inclusão, dando o exemplo do governo que havia aprovado, naquele ano, verba para que estudantes pudessem ter crédito universitário. Entretanto, no mesmo ano as instituições particulares de ensino já haviam conseguido oito vezes o mesmo valor em empréstimo para a construção de seus prédios.

4º Palestrante: Jorgetânia da Silva Ferreira, doutoranda em História Social pela PUC/SP e

coordenadora da Associação Educacional Paulo Freire.

SÍNTESE:

- Reflexão sobre o papel da educação popular no momento atual e sua contribuição para a transformação das relações sociais.
- O atual momento histórico tem como uma das principais características a exclusão.
- Pensar as políticas sociais como uma das faces do capitalismo, ainda mais restritas hoje pelo neoliberalismo.
- Preocupação com as diferentes formas de exclusão, especialmente a do trabalho, responsáveis pelo fracasso dos indivíduos.
- Ação dos educadores e educadoras populares deve romper com essas visões dominantes, apresentando a historicidade da atual realidade.
- Ampliar a compreensão do que seja a inclusão e buscar as condições para sua efetivação, contribuindo com a mudança.
- Recorrer ao fazer dos movimentos de educação popular, seja da zona rural, seja da zona urbana, de alfabetização de adultos, supletivos, creches comunitárias, pré-vestibulares, incluindo a sua perspectiva nas políticas públicas.
- Lutar pela educação como um direito, comprometida com os interesses da maioria da população, buscando a inclusão na perspectiva dos excluídos e não por um ato de benevolência dos incluídos.
- Dever dos educadores populares de lutar contra uma visão fatalista do mundo.

5º Palestrante: Arquimedes Diógenes Cilone, Reitor da Universidade Federal de Uberlândia.

SÍNTESE: Alguns dados da educação no Brasil: 36 milhões de jovens no ensino fundamental; 8 milhões, no ensino médio e 2,3 milhões, no ensino superior.

Dessa forma, ou aumentamos os 2,3 milhões, ou estaremos condenando uma massa que vem por aí. Esse é o grande pecado da falta de planejamento do nosso governo. Ele não planejou e não nos permite planejar.

Os reitores querem enfrentar o problema das vagas, mas o governo deposita suas esperanças no sistema particular que, hoje, corresponde a mais de 60% das universidades. E a média nacional de inadimplentes é de 21%. O governo, se fosse coerente, deveria minimamente oferecer crédito, o que não acontece. O sistema particular deve coexistir como complementar do sistema público que traça as diretrizes do ensino. O sistema público federal é o detentor da maioria de vagas na pós-graduação. Aqueles que passaram pelo ensino público têm a obrigação com a sociedade de pregar uma recuperação do ensino público.

É uma vergonha, num país pobre, uma universidade altamente elitista. De cada 1000 jovens que tentam ingressar no ensino superior, somente 11 conseguem e, destes 11, somente 4 ingressam em uma universidade pública, indo o restante para o ensino privado, ou seja, de cada 1000 alunos somente 4 conseguem cursar ensino superior gratuito.

6º Palestrante: Dr. Zaire Rezende, Prefeito Municipal.

SÍNTESE: Há quatro dias, vimos pela TV o atentado aos EUA, não se sabe quais foram as pessoas que praticaram este ato. Procurou-se atingir as entranhas, o coração do capitalismo. Os EUA, quando acham que devem, invadem os países. Assistimos, recentemente, em 1989, a queda do socialismo real. A luta ideológica entre o capitalismo, o socialismo e o comunismo acabou.

Nós estamos assistindo a um movimento importante que é a democracia participativa, o orçamento participativo. Se analisarmos o poder, vemos que o poder é excludente. É necessário projetos de inclusão dos negros, das mulheres que são excluídas ou preteridas. Precisamos de políticas de apoio aos jovens portadores de necessidades especiais, os sem terra e os sem teto. Uma inclusão necessária é a inclusão da ideologia da utopia.

IV ENCONTRO DE EDUCADORES(AS) POPULARES

- Local: Anfiteatro do Bloco B - Campus Santa Mônica.
- Data: 5 de outubro de 2001.
- Tema: A Pedagogia da Indignação de Paulo Freire - Diálogos entre Noêmia Varela e Paulo Freire.
- Horário: 19h.

PARTE I

A abertura oficial dos trabalhos foi feita pelo Prof. Gabriel Humberto Muñoz Palafox, que fez uma síntese sobre a vida e a obra do educador Paulo Freire. Em seguida, a Professora Lucimar Bello Pereira Frange extraiu fragmentos dos textos de Paulo Freire e de Noemia Varela para serem lidos, discutidos e sintetizados pelos grupos de trabalho. Ressaltamos que a coordenação do restante do evento e a conclusão dos trabalhos ficaram, também, sob a responsabilidade da Professora Lucimar.

O livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*¹, está estruturado em 3 capítulos. Para esta atividade, foram destacadas algumas partes para entradas coletivas e aprofundamentos no pensamento do referido educador.

O livro *Noemia Varela e a Arte*² está estruturado em sete capítulos, a saber:

Capítulo 1: Noemia Varela e a práxis enunciativa [percurso de Noemia Varela, de barro, de vidro e de barro (nome do vídeo) e Noemia Varela e o Movimento Escolinhas de Arte].

Capítulos 2, 3 e 4: Textos Visuais (aquarelas divididas em Paisagens "Humanianas" e em Paisagens "Cidadianas"), textos sincréticos (com duas ou mais linguagens) e textos verbais.

Capítulo 5: Noemia Varela, saberes e sabores aguadeantes.

Capítulos 6 e 7: Referências bibliográficas e as imagens de Noemia Varela.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

² FRANGE, Lucimar Bello P. *Noemia Varela e a Arte*, Belo Horizonte, C/Arte, 2001.

GRUPO 1

*É assim que venho tentando ser professor,
assumindo minha convicções,
disponível ao saber,
sensível à boniteza da prática educativa,
instigando por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se,
assumindo minhas limitações,
acompanhadas sempre do esforço por superá-las,
limitações que não procuro esconder
em nome mesmo do respeito que tenho e aos educandos.
(Paulo Freire)*

Aquarelas de Noemia Varela: Pontes de Recife (1970), Capibaribe - Memória da Infância (1985), O rio que não vi (1985).

GRUPO 2

*Meu papel de professor progressista
não é apenas o de ensinar matemática ou biologia
mas sim, tratando a temática que é,
de um lado, objeto de meu ensino,
de outro, da aprendizagem do aluno,
ajudá-lo a reconhecer-se
como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva.
(Paulo Freire)*

GRUPO 3

*Mais do que um ser no mundo,
o ser humano se tornou uma Presença no mundo,
com o mundo e com os outros.
(Paulo Freire)*

GRUPO 4

*Gosto de ser gente porque,
mesmo sabendo que as condições materiais,
econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas
em que nos achamos
geram quase sempre barreiras
de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica
de mudar o mundo,
sei também que os obstáculos não se eternizam.
(Paulo Freire)*

GRUPO 5

*A prática humana é,
profundamente formadora,
por isso, ética.
(Paulo Freire)*

GRUPO 6

*Enquanto presença não posso ser uma omissão
mas um sujeito de opções.
Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar,
de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper.
Minha capacidade de fazer justiça,
de não falhar à verdade.
Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.
(Paulo Freire)*

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.(...) É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se ao ser formado. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

(Paulo Freire)

O desenho é uma estrutura, nas crianças, no selvagem, no louco, PURA LINHA, sinais de percepção sem a 'linha do desenho'. (...) A arte nasce de um gesto, de um risco, de uma pegada e vai além e se estrutura. (...) Até hoje não parei de pensar no imaginar e no expressar para além do risco do bordado do professor.

*Olha meu avesso:
branca pedra
velada em pó espesso.*

*Pedra, só pedra ...
estática, na ansiosa espera
do arremesso.
(Noemia Varela)*

GRUPO 7

*No processo da fala e da escuta
A disciplina do silêncio a ser assumido
com rigor e a seu tempo pelos sujeitos
que falam e escutam
é um 'sine qua' da comunicação dialógica.
(Paulo Freire)*

GRUPO 8

*Há um século e meio Marx e Engels gritavam
em favor da união das classes trabalhadoras do mundo
contra sua espoliação.
Agora, necessária e urgente
se fazem a união e a rebelião das gentes
contra a ameaça que nos atinge,
a da negação de nós mesmos
como seres humanos submetidos
à "fereza" da ética do mercado.
(Paulo Freire)*

V ENCONTRO DE EDUCADORES POPULARES

- Local: Auditório Cícero Diniz – Centro Administrativo/PMU.
- Data: 10 de novembro de 2001.
- Horário: 9h às 12h.
- Tema: Mesa Redonda: “Raça, Gênero e Classe na Educação Popular”.
- Cerimonial: Prof. Edmilson Lino Guilherme
- Composição da Mesa: Profª. Gercina Santana Novais; Profª. Gláucia de Fátima Matos; Gilberto Neves; Prof. Alex Carvalho.
- Dinâmica dos Trabalhos: as atividades do dia foram iniciadas pela Profª. Gercina, coordenadora da mesa, que fez a abertura oficial, passando a palavra para Alex Carvalho, professor do Futuro Pré-Vestibular Alternativo e aluno do curso da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia.

PARTE I

1º Palestrante: Prof. Alex Carvalho.

SÍNTESE: O Prof. Alex iniciou fazendo um resumo de como iria proceder durante sua fala e dizendo da enorme satisfação em estar ali com aquelas pessoas. Logo após, pediu para que a platéia observasse a figura abaixo:



Foto do livro Terra - Sebastião Salgado

Carvalho, então, pediu para que a platéia tentasse descobrir que pés eram aqueles. Pés velhos, surrados, vividos. Sobre os pés, história de marginalização, de traumas, de discriminação, trabalho árduo e não reconhecido. São pés de luta, que resistem às intempéries sociais de forma corajosa e ímpar. Esses pés representam a sociedade negra feminina.

Os negros que aqui estão, as mulheres que aqui estão.

Pés das mulheres, testemunhos da valorização masculina e conseqüente desvalorização feminina. Fatos presentes desde a infância – afinal, nas lojas de brinquedos, enquanto temos na seção masculina brinquedos ligados à tecnologia, temos brinquedos ligados ao ato de cuidar doméstico na seção feminina.

Pés da comunidade negra – escravidão. São pés dos seus alunos, pois deles, 73% são afrodescendentes.

São pés obrigados a conviverem com um ensino inadequado a seu tempo e fechado para o pluralismo cultural.

O Prof. Alex extraiu algumas declarações de seus alunos e fez uma interpretação específica de cada depoimento. Os depoimentos seguem abaixo. Na atividade, eles foram lidos por alguns presentes no auditório:

“Há! Você trabalha é na secretaria?”
 “Tem certeza que dá conta desse serviço?”
 “Seu jeitinho não está muito para ‘pacote’.”
 “Mulher não serve para isso.”
 “Você age dessa forma porque é descendente de Preto.”
 “Homem não pode chorar.”

Aprofundando, têm-se a concepção diversificada.

Vale a pena prestar atenção na ambiguidade – inter-étnicas e de auto-afirmação racial:

“Sim, eu me considero negra.”
 “Sou negra, mas pareço que nem sou.”
 “Eu disse que sou, mas talvez nem sou.”
 “Eu acho que sou branca.”
 “Eu me acho mulata.”

Pensem como os anos de opressão contribuíram para essas respostas. Imaginem quantos foram os professores que preferiram o silêncio diante do tema “racial”. No trabalho, fracasso e incapacidade:

“Alguns não gostam de fazer negócio comigo porque sou mulher.”
 “Alguns clientes fazem brincadeiras chatas.”
 “O cara já chega com intenção de outras coisas.”
 “Há uma certa restrição à primeira vista.
 Tenho que vencer essa restrição.”
 “Para se defender, todo negro faz isso. Procura aparecer de facetas diferentes, tentando comunicar e ser mais social, tentando estudar mais.”

As pessoas que param e voltam a estudar. A necessidade de sobrevivência, as mulheres voltam a estudar apenas após o cuidar. A volta, a auto afirmação, a auto-estima:

“Aqui se aprende muito.”
 “Aprendi aqui a não me calar para ele.”
 “Um negro pode ser visto como qualquer outra pessoa...”

Na finalização, o Prof.º Alex disse que a participação do Brasil no desenvolvimento global só se dará se realmente houver uma política de inclusão da parcela negra e das mulheres no processo, com a criação de condições para a superação dessas desigualdades históricas.

Com relação às ações afirmativas, elas devem servir para corrigir as desigualdades históricas de fato. O que é diferente não deve ser tratado como igual. Existe uma dívida para com certos setores e essa deve ser paga.

2º Palestrante: Gilberto Neves, poeta, professor de história e coordenador municipal da Coordenadoria Afro-Racial (COAFRO) da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

SÍNTESE: Gilberto fez um resgate histórico do sistema educacional brasileiro desde sua implementação, até os dias atuais.

- O ensino sempre foi centralizador e descontínuo, devido à mudanças de governo;
- Estruturação tardia. Por exemplo, a USP possui 60 anos.
- O acesso ao ensino superior sempre foi restrito.
- A maior parte das universidades foi criada no regime militar, atendendo a uma pressão das elites, por isso, as universidades estão a seu serviço.
- Com relação aos dados, no Brasil, 2,5 milhões de jovens estão no ensino superior, com 70% em escolas privadas.
- No Brasil, dos jovens entre 18 e 24 anos, apenas 10% estão no ensino superior.
- A média escolar entre negros é de 5,3 anos e entre brancos é de 7,8 anos.
- As condições de vida são históricas.

Gilberto encerrou o discurso, dizendo sobre as ações afirmativas, que, segundo ele, são uma forma de se garantir uma equiparidade no acesso às instituições públicas.

3º Palestrante: Gláucia de Fátima Matos, pedagoga especialista em filosofia, coordenadora dos Projetos de Formação Fala Preta – ONG que desenvolve trabalhos visando à garantia de direitos para mulheres negras; participante do Movimento de Mulheres Negras e membro do Grupo de Formação do SOF – Sempre-viva Organização Feminista – São Paulo – SP.

SÍNTESE: Gláucia iniciou sua comunicação defendendo a necessidade de ações afirmativas. Disse que democracia racial é mito. Segundo ela, povos afro são excluídos de toda história de desenvolvimento tecnológico.

Somos pobres porque somos negros ou negros porque somos pobres?

Ela relatou sobre a Conferência Mundial Afro/2001 da qual participou, e disse sobre a resistência das lideranças mundiais em geral de reconhecerem que foram agentes de crimes raciais e pedir desculpas por terem sido. Tais países não se consideram criminosos. Mostrou a importância da conferência para a luta contra a desigualdade social.

A declaração final da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo reconheceu "o fato da história da humanidade ser repleta de atrocidades e de violações aos direitos humanos. Essas li-

ções devem ser lembradas através da história para se evitar futuras tragédias”.

As discussões sobre a escravidão também foram bastante polêmicas. Africanos e afrodescendentes exigiam um pedido de desculpas formal pelas atrocidades cometidas e a reparação de vítimas. A 3ª Conferência Mundial contra o Racismo foi encerrada com a aprovação de uma Declaração admitindo que a escravidão e o tráfico de escravos, considerados crime contra a humanidade, foram uma tragédia na história. O documento apresenta pedidos de desculpas aos africanos, afrodescendentes e indígenas e apoia a criação de fundos e programas de ajuda aos países que foram vítimas do colonialismo e da escravidão.

Embora houvesse a resistência de vários governos em tratar da interseccionalidade das discriminações de gênero e raça que pesam sobre as mulheres, ao final, a Declaração aprovada reafirmou que “os Estados têm o dever de proteger e promover os direitos humanos e as liberdades fundamentais de todas as vítimas, e que eles devem adotar a perspectiva de gênero, reconhecendo as múltiplas formas de discriminação que as mulheres enfrentam.”

Os países que ficaram até o final da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo assinaram dois documentos finais: a Declaração e o Programa de Ação. Quanto às questões de gênero, o documento objetiva:

- aumentar ações e políticas públicas em favor das mulheres e jovens afrodescendentes, dado que o racismo as afetou mais profundamente, colocando-as em desvantagem e numa situação mais marginalizada;
- adotar políticas públicas e dar impulso aos programas em favor de mulheres e garotas indígenas, com o objetivo de promover seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, colocando um fim em sua situação de desvantagem por razões étnicas e de gênero;
- à luz do crescimento proporcional de mulheres migrantes, focar especialmente a questão de gênero, incluindo a discriminação por gênero, particularmente quando há uma interseção de múltiplas barreiras enfrentadas por mulheres migrantes;
- implementar políticas e programas que deverão capacitar, em particular, mulheres e crianças, vítimas da violência doméstica e conjugal, a fim de libertá-las das relações abusivas.

PARTE II

Oficinas: Metodologias de Ensino na Educação Popular:

- a) Pré-Vestibulares Alternativos:
 - Luciano Pereira da Silva
 - Norma Lúcia da Silva
 - Edmilson Lino Guilherme
- b) Alfabetização de Adultos:
 - Maria de Fátima Caetano
 - Márcia Augusto de Lima Ramos
 - Márcia Almeida

- c) Creches Comunitárias:
 - Nelson Armando Bonilha
- d) Contação de Histórias:
 - Marta de Freitas Azevedo Pannunzio
- e) Educação de Jovens e Adultos (supletivo):
 - Fátima das Graças Matias

VI ENCONTRO DE EDUCADORES POPULARES

- Local: Auditório do CEMEPE.
- Data: 8 de dezembro de 2001.
- Horário: 8h às 12h.
- Tema: Relações Humanas.

PARTE I

EDUCAÇÃO POPULAR: FORMAÇÃO HUMANA - CULTURA - GESTO EDUCATIVO

Oficina: Relações Humanas como Eixo para a Educação Popular

Coordenadores: Gercina Santana Novais; Edimilson Lino Guilherme; Fernanda Bernardes de Assis; Rosa Maria Ferreira

Conteúdos: Histórias de construção de sujeitos: quem sou eu, quem somos: uma abordagem sócio- interacionista da construção da pessoa; elementos de uma teoria de formação humana: conceitos de relações humanas; formação humana e culturas: princípios.

- Aquecimento.
- Abertura: Música ambiente e recepção.
- Apresentação da oficina (conteúdo, objetivos, etc.) e do grupo responsável pela coordenação dos trabalhos.
- Local: Pátio do CEMEPE.
- Responsável: Fernanda Bernardes Assis.

➤ Dança sagrada: Beija-flor.

Histórico e significados: relações humanas: liberdade, prazer, cooperação etc.

- Responsáveis: Eliane Santana Novais e Marilza Helena Betanho
- Local: Anfiteatro do CEMEPE
- Desenvolvimento.

➤ Histórias de construção de sujeitos: quem sou eu, quem somos: uma abordagem sócio- interacionista da construção da pessoa.

- Técnica: Quem sou eu?
 - Distribuir lápis e um cartão contendo um pequeno espelho e a questão: quem sou eu? Destinar 5 minutos para cada participante escrever palavras sobre ele(ela) ou desenhar.
- Lâminas: Wallon e Vygotsky: a construção da Pessoa Tempo: 20 minutos. Como nos tornamos pessoa? (anexo I)
 - Projetar imagem do grupo dançando: perguntar: Quem somos?
 - Conversar com os (as) participantes sobre as seguintes questões:
 - ◆ Quais são as várias culturas presentes neste local?
 - ◆ Como incorporar na educação popular as várias subjetividades?
 - ◆ O que é formação humana? você já viveu um processo de formação humana?
 - ◆ Formação humana e culturas: este par pode dar samba; rock; hip-hop; ópera; mpb; funk;?

Obs.: Cada participante deverá receber apenas uma dessas questões. Destinar 3 minutos para que ele pense sobre as questões e converse com o(a) colega do lado esquerdo. Técnica de cochicho.

- Fechamento: exposição dialogada, com uso de lâminas 2, 3 e 4.
- Período: 30 minutos – anexo I

➤ Grupos de Trabalho:

(40 minutos) Discutir:

Para subsidiarmos a implementação da educação popular, é possível apontarmos alguns elementos de uma teoria da formação humana?

➤ Representar, por meio de construção de estátuas humanas ou de sons, imagens dos elementos de uma teoria de formação humana.

(50 minutos) Retomar as questões propostas pela coordenação dos trabalhos e entregar bibliografia básica.

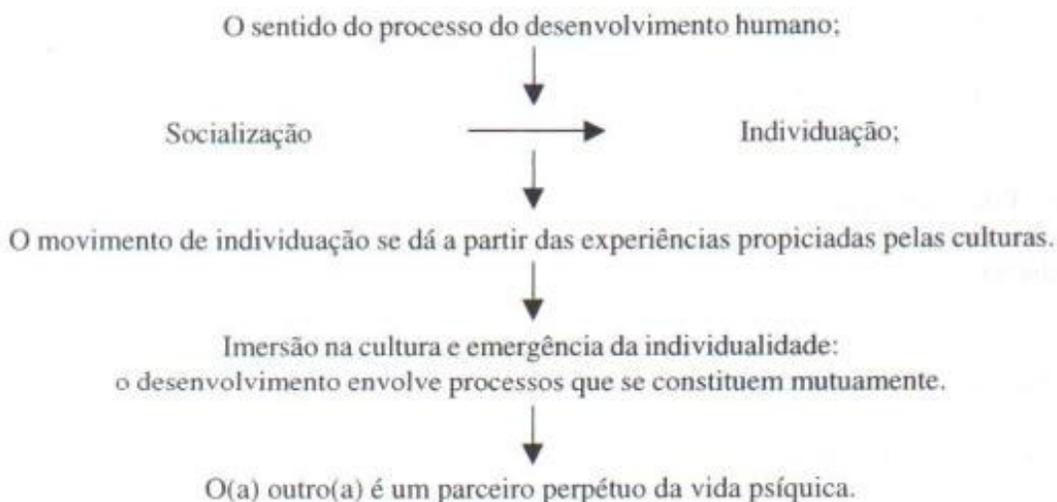
Música ambiente. Show de encerramento e almoço.

ANEXO I

LÂMINA 1:

WALLON E VYGOTSKY: A CONSTRUÇÃO DA PESSOA

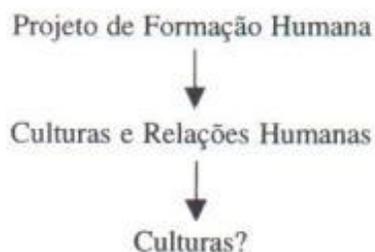
- A distinção entre o eu e o outro só adquirida progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais.
- As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo com seu contexto cultural e social.



LÂMINA 2

- ◆ Quais são as várias culturas presentes neste local?
- ◆ Como incorporar na educação popular as várias subjetividades?
- ◆ O que é formação humana? Você já viveu um processo de formação humana?
- ◆ Formação humana e culturas: este par pode dar samba; rock; hip-hop; ópera; mpb; funk;

LÂMINA 3



O modo de viver, de pensar e de sentir a realidade por parte de uma civilização e também as modernas técnicas produtivas e dos processos de produção próprios do mundo moderno.



Projeto de formação do indivíduo produzido pela e na luta social,



Significa um modo de viver que se produz e se reproduz por meio de um projeto de formação decorrente de uma dinâmica social, produzida na e pela luta social.



Ela se faz num tempo e num espaço determinado. ela não é independente das circunstâncias em que é gerada.



Os produtos acabados da ação cultural são aspectos da cultura que são alienáveis: imposição simples de padrões culturais.



Cultura de Massa/Consumo, Erudita e Popular.

LÂMINA 4

No Processo Educativo, distinguem-se dois aspectos interdependentes:



O gesto criador, que resulta do fato de o homem e a mulher “estar-no mundo” e “com ele relacionar-se”, transformando-o e transformando-se.



Nesse caso, o gesto educativo não se distingue do gesto criador de cultura.



Nesse sentido, a educação é a mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e a sua continuidade.



Todavia, as escolas têm sido utilizadas muito mais para fazer comunicados, do que para fazer comunicação.



➤ Instituição ritualista-certas formalidades têm valor em si mesmo.

- Alunos(as) são transformados em consumidores de bens culturais e não em criadores de bens culturais.
- Privilegia-se determinados bens culturais.
- Desvaloriza-se determinados bens culturais.
- A hegemonia no campo cultural cria um falso consenso em torno da ausência de alternativas para uma concepção de subjetividade e de modo de relacionar e viver em sociedade.
- Retira-se de determinados grupos sociais o sentimento de pertencer, obrigando o sujeito a negar a sua própria imagem.

PARTE II

PLENÁRIA DOS(AS) EDUCADORES(AS) POPULARES

Os participantes dos cursinhos Pré-Vestibulares Alternativos apresentaram ao plenário um documento intitulado "Manifesto das Educadoras e dos Educadores Populares de Uberlândia." O referido texto foi lido, debatido e aprovado tal como descrito abaixo:

Nós, educadoras e educadores, reunidas/os na plenária final do Programa de Formação Continuada em Educação Popular/2001, externamos, à população em geral e às autoridades, as nossas preocupações com a situação da educação:

Denunciamos:

- 1) A falta de compromisso político dos segmentos conservadores da sociedade para com a educação em geral, especificamente com a educação infantil, de Jovens e Adultos e dos portadores de necessidades especiais, tendo em vista que estas modalidades estão previstas na Lei de Diretrizes e Bases, mas não contam com financiamento próprio e continuam sendo práticas sociais marginalizadas. Situações estas que dificultam o acesso à cidadania plena.
- 2) A precarização das condições de trabalho do/a educador/a e a apropriação e a exploração por grupos dominantes da solidariedade popular em programas de voluntariado sem comprometimento com a mudança da sociedade.
- 3) A lógica excludente do vestibular e seu impacto negativo sobre o ensino fundamental e médio.
- 4) A falta de participação de empresas privadas com recursos para a educação popular.

Reconhecemos:

- 1) O mérito dos projetos de educação popular que visam questionar a desigualdade social e que vem sendo desenvolvidos na cidade de Uberlândia sejam eles de alfabetização de jovens e adultos, creches comunitárias, pré-vestibulares alternativos, tele-cursos, dança, música etc.

Exigimos:

- 1) Políticas públicas com recursos financeiros para a educação de jovens e adultos.
- 2) Efetivação da parceria da prefeitura com os movimentos de educação popular.
- 3) Que as ações públicas respeitem as experiências que vem sendo desenvolvidas e a autonomia dos movimentos envolvidos.

Reivindicamos:

- 1) A abertura de um amplo debate pela UFU com os grupos interessados sobre os processos seletivos para o ingresso na universidade.
- 2) Que setores organizados da sociedade tenham uma agenda de lutas em prol da educação popular.

Neste encontro, o Programa de Educação Popular foi avaliado pelos participantes por meio de ficha de avaliação, abrangendo pontos positivos e negativos e sugestões. Estes dados foram utilizados para planejar as atividades do ano de 2002.

Finalizando, por meio do nosso trabalho, esperamos fazer com que a Educação Popular cumpra seu papel de questionamento da exploração e dominação visando a transformação social.